

***Et Macaum advenit Verbum* —
O Estudo das Línguas Clássicas
e da Teologia em Macau**

Desde a Antiguidade Tardia que o estudo das línguas clássicas e da civilização greco-romana tem servido de alicerce para o que nós denominamos por *Cultura*. A ligação da Europa com as línguas clássicas deriva da inclusão das suas gentes no Império que os romanos construíram e expandiram por todo o velho continente. Esses povos posteriormente levaram para os quatro cantos do mundo o cultivo dessas línguas que eles próprios receberam dos romanos e que passaram para outros. Assim chegaram elas ao Extremo Oriente, nomeadamente ao Sueste Asiático.

O Latim não só era ensinado no Colégio de São Paulo, fundado em Macau em 1594, como também servia de língua de ensino, tal como nas grandes universidades da Europa de então. O colégio, onde também se aprendiam o Grego e o Hebraico, veio a tornar-se no primeiro centro de estudos e difusão das línguas clássicas antigas pelo Oriente. 400 anos se passaram, entretanto, mas o Latim, o Grego e o Hebraico continuam vivos em Macau apesar de a cidade e a sociedade macaense terem mudado radicalmente de fisionomia.

Depois de uma reflexão acerca do valor e poder da *palavra*, este artigo propõe-se mostrar como o ensino destas línguas continua pertinente especialmente no âmbito dos estudos teológicos em

Macau no século XXI, e que apesar das dificuldades que falantes nativos de línguas sino-tibetanas possam sentir ao se verem confrontados com línguas com o grau de complexidade do Latim e do Grego Clássico, ainda assim vale a pena fazer parte deste grupo selecto que os romanos fundaram.

(Autor: Roberto Ceolin, pp. 6–27)

**Macau e os Interesses Franceses
no Início do Século XX**

Nos séculos XIX e XX verificou-se um avanço imperialista das potências ocidentais, que colocaram em causa as capacidades de manutenção territorial de Portugal. Entre os espaços que este dominava, Macau ficou também envolvido nas pretensões de outros países. A França ficou especialmente interessada neste território, na continuação da sua expansão de interesses na China e na Indochina.

Este artigo explora as várias formas usadas pelos franceses para alargarem a sua presença em Macau. Além das referências a uma possível aquisição do território, procuraram esse alargamento através do estabelecimento de instituições de saúde e industriais, o que foi impedido pelas autoridades portuguesas, receosas de uma usurpação da sua soberania. Além disso, esta possibilidade também se encontrou nos meios políticos ingleses, que queriam impedir o estabelecimento de uma potência rival.

Uma outra forma de alargamento encontrou-se na religião, onde portugueses e franceses rivalizavam no espaço à volta de Macau. Os acordos entre as respectivas autoridades mostraram-se difíceis, pelos interesses comuns na sua expansão. O acordo final a que chegaram definiu o território do Padroado português na China durante o período que se seguiu.

(Autora: Célia Reis, pp. 28–45)

**Intercâmbio entre a Rússia e a Área
da Grande Baía de Guangdong–
Hong Kong–Macau num
Contexto Histórico**

Nas relações sino-russas, a presença da Área da Grande Baía de Guangdong–Hong Kong–Macau (GBA) desempenha um papel crucial. Historicamente, o intercâmbio e a cooperação entre a Rússia e a GBA remontam a 400 anos e podem ser divididos em três fases: Período Qing–Czarista, Período Revolucionário e Período Sino-Soviético. Embora actualmente, novos intercâmbios entre a Rússia e a GBA se estejam a desenvolver, abrangendo factores políticos, militares, económicos e culturais, mas também aspectos como educação, religião e meios de comunicação, no âmbito de “Uma Faixa, Uma Rota” e da era pós-pandemia, estima-se que a cooperação entre a GBA e a Rússia continue a ser desenvolvida.

(Autores: Li Sheng, Michael Share, pp. 46–61)

Piratas: Um Retrato Social a partir dos Jornais de Macau (1864–1933)

A pirataria é um fenómeno que se mantém presente, de uma forma quase constante, na história de Macau, entre os séculos XVI e XX, assumindo contornos políticos, económicos e sociais específicos consoante as diferentes conjunturas que atravessou. Num quadro temporal que se estende de meados do século XIX a meados do século XX, e num contexto geográfico centrado na região do Delta do Rio das Pérolas, ensaiamos uma abordagem à actividade dos piratas enquanto fenómeno social, a partir da análise de conteúdo das notícias publicadas na imprensa escrita de Macau, entre 1864 e 1933. Com esta finalidade, naquele contexto espaço-temporal, as práticas de pirataria são equacionadas em função das identidades (re)construídas dentro do grupo e na relação com os outros grupos; do espaço social que ocupavam na formação económico-social em que se inseriam; das relações de poder que estabeleciam com os movimentos de cumplicidade e de repressão política e social.

(Autor: Alfredo Gomes Dias, pp. 62–76)

Chá Gordo — Origem Histórica de uma Tradição Macaense

A influência japonesa na cultura macaense está presente desde a chegada dos portugueses a Macau

em 1553. Esta influência permeou todos os níveis da vida social dos macaenses quer na língua de Macau, o Patuá, no uso comum das vestimentas (*kimono*), na utilização do *norimono* para o transporte das senhoras até aos métodos culinários (*miçó*) e elaboração dos pratos (*minchi*). As muitas similitudes entre o *Chá Gordo* e o *Cha Kaiseki/Kaiseki Ryori* levantam a possibilidade de os denominadores comuns entre estes banquetes serem muito mais do que meras coincidências. Tentaremos procurar uma linha de exposição centrada na pesquisa dos factos históricos que, na nossa opinião, resultam da epopeia marítima caracterizada pela tragédia, resiliência e devoção dos macaenses que ao longo dos tempos se foi perpetuando como traço identitário.

(Autor: Manuel Fernandes Rodrigues, pp. 77–92)

Comparação das Figuras Femininas em *Cheong-Sam — A Cabaia de Deolinda da Conceição* e em *Porta Rosada de Tie Ning*

Os meados do século XX representaram um período crucial enquanto ponto de viragem no desenvolvimento da consciência feminina, sendo as obras literárias escritas por escritoras o retrato da diversidade de figuras femininas dessa época. O que importa notar é que, embora tenham dissemelhantes origens e idades, ou dife-

rentes educações culturais de várias épocas, os destinos apontam todos para fins semelhantes, e é nestas semelhanças e diferenças que as transformações da consciência feminina se escondem. Neste ensaio, procura-se apresentar e analisar as semelhanças e diferenças das figuras femininas em dois livros representativos em Macau e no Continente chinês, em meados do século XX, *Cheong-Sam — A Cabaia* da escritora macaense Deolinda da Conceição e *Porta Rosada* da escritora chinesa Tie Ning, respectivamente. Pretende-se conhecer, através da comparação das obras citadas, as situações das mulheres nessa época e o progresso da consciência feminina.

(Autora: Zheng Jiayu, pp. 93–102)

Em Rota para Macau: A Enseada de André Feio, um Porto de Abrigo

No período da expansão marítima portuguesa, era comum marinheiros e navegadores atribuírem topónimos portugueses a território a eles desconhecido, em parte por ignorância da língua nativa da região e para facilitar a localização e identificação dos lugares alcançados. Isto foi particularmente verdade em território asiático e mais especificamente na região do Mar do Sul da China.

Existiu em tempos nos arredores de Macau uma pequena enseada a que os portugueses chamaram de André Feio. As primeiras fontes documentais que

a mencionam são de meados do século XVII e estendem-se até ao seu final. Eventualmente, o topónimo cai em desuso no século seguinte perdendo-se completamente até que, no século XX, foi resgatado por vários historiadores e investigadores, incapazes de o localizar.

Recentemente, foram desvendados novos diários de navegação portuguesa desconhecidos de grande parte dos investigadores, com rotas para Macau descritas por pilotos do século XVII. Graças a estes recursos foi possível desvendar alguns pequenos mistérios naquela que é a grande história da criação e o desenvolvimento de Macau como importante estabelecimento do comércio europeu na Ásia.

(Autores: Ângela Ruano, Yang Xun Ling, pp. 103–113)

Debate sobre os Médicos Navais da Dinastia Ming na China

Até ao presente, não haviam sido encontrados registos precisos sobre os médicos navais anteriores à dinastia Ming. No entanto, os médicos militares existiram na história da China Antiga e estavam relacionados com os médicos navais. A fim de garantir o sucesso das viagens de Zheng He, a corte imperial chinesa apoiou os preparativos médicos e, especialmente, providenciou médicos navais para as suas frotas. As funções dos médicos chineses incluíam: curar marinheiros, prevenir doenças, cuidar da saúde em geral, colher ervas e adquirir

remédios. Quando o navegador Zheng He morreu, o mecanismo instituído dos médicos navais na China tinha desaparecido. Depois da Primeira Guerra do Ópio, reapareceu. No entanto, o valor dos médicos chineses ficou provado na história antiga. Através deles aperfeiçoaram-se a teoria da medicina chinesa e o conhecimento sobre a supervisão de ervas medicinais, exploraram-se doenças náuticas e tropicais, propagou-se a ciência médica tradicional chinesa para o mundo e expandiu-se a divulgação comercial dos remédios da medicina chinesa.

(Autor: Zhang Lanxing, pp. 114–133)

Sobre a Era da Expansão Marítima e os seus Quatro Estágios

A Era das Grandes Navegações teve início no século XV e terminou no final do século XVII, estendendo-se por quase três séculos. Dividimos o seu período em quatro estágios de acordo com as suas características e natureza. O primeiro estágio é a viagem oceânica ao largo da costa iniciada por Zheng He, o Imperador Yongle da dinastia Ming da China e o Infante D. Henrique (Portugal). O estágio dois consiste na viagem transoceânica de Cristóvão Colombo, etc. O estágio três é a circum-navegação representada por Fernão de Magalhães, Juan Sebastián Elcano, Francis Drake, etc. O estágio quatro é a viagem pelos mares de gelo polar, dominados principalmente por navegadores da Inglaterra,

França e Holanda, onde a Rússia está permanentemente envolvida e domina. A navegação da Rússia nos mares de gelo polar está incluída na viagem oceânica para o alto-mar. A Era das Grandes Navegações representa ainda o período mais glorioso da navegação no tempo das embarcações de madeira.

(Autores: Zhang Jian, Xiao Hongde, pp. 134–145)